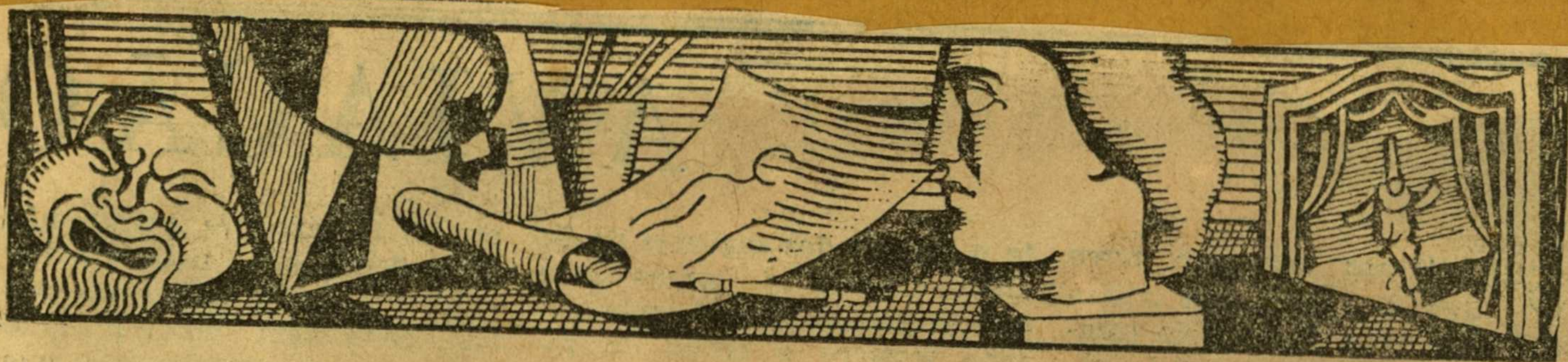




POÉTICA E POESIA

Sergio Buarque de Holanda

EU não me tinha proposto, nestas notas de vaga literatura, voltar a temas estritamente literários antes de encerrar uma série projetada e já iniciada sobre obras de erudição pura. Mas o comentador de livros não é tão senhor de si quanto o imagina algumas vezes, e por maior independência crítica que se arrogue a verdade é que anda acorrentado de mil formas a tendências e opiniões de seus contemporâneos. São estas opiniões e essas tendências que hão de marcar o compasso dos comentários, e quando não cheguem a mudar suas próprias idéias servem para dar-lhes alguma imprevista direção. De qualquer modo, e mesmo se timbra em contrariá-las, a verdade é que obedece até certo ponto ao seu ditado.

Ao intercalar entre estes artigos alguns comentários a propósito de poetas e da poesia nova, faço-o movido um pouco por essa contingência. Nunca, talvez, se escreveu tanto verso entre nós como hoje e sobretudo nunca se discutiu tão ardentemente sobre os mistérios da poesia. Agora, mais do que nos dias do modernismo de combate, constituem-se à volta dela e dos seus problemas grupos de lutadores aguerridos e dispostos a defender seus princípios até às últimas consequências.

E' aparentemente uma vantagem se esses grupos não se podem definir de fato por alguma tendência uniforme, comum a todos, ou por alguma fórmula definida e cabal. Desde já, entretanto — e até quando? —, se pode dizer que um grande número dos que participam deles procura definir seus pontos de vista por oposição aos de gerações antecedentes. Palavras tais como "forma", por exemplo, ou "disciplina", ou "tradição", que entre essas gerações nem sempre desfrutaram de excessivo prestígio, tendem a recuperar um novo e quase insólito poderio.

SÃO esses lemas, ou alguns deles, que parecem nortear, no caso do sr. João Cabral de Melo Neto, entre outros, a vontade de precisão e nitidez que o aproxima dos arautos europeus da poesia chamada "pura". Ou, no caso dos colaboradores da revista "Orfeu", a procura agressiva e não raro atônita de um néo-classicismo carregado de alusões mitológicas, que redundam em realidade numa espécie de néo-rococó.

Mesmo entre agrupamentos mais heterogêneos e ecléticos do que este último, direi mesmo mais arrojados, e acessíveis a vozes de diferentes quadrantes, como o que atualmente se congrega em torno da *Revista Brasileira de Poesia*, sente-se com significativa frequência a mesma forma característica de reação contra os autores que procederam imediatamente do movimento de 1922. Um dos representantes mais ativos desse grupo, e dos principais responsáveis pela fundação, em São Paulo, do *Clube de Poesia*, o excelente poeta Domingos Carvalho da Silva, definiu há poucos anos, em seu livro *Rosa Extinta*, a ambição que vai empolgando tantos dos seus companheiros.

Quero a poesia em sua essência, dizia então. E acrescentava:

Pura ou impura eu reclamo a poesia do momento, filtrada exata e constantemente.

ESTE "eu reclamo", aquele "quero" já insinuam, não uma arte poética pessoal, deliberadamente caprichosa e satisfeita com a própria expressão, mas a mesma certeza voluntariosa, incapaz de inquietações e concessões, que transparece constantemente de seus comentários críticos. Pessoalmente, devo dizer que prefiro muito às suas teorias estéticas a sua prática; quer dizer, o poeta, principalmente o poeta de *Praia Oculta* (São Paulo, Editora Brasiliense Ltda., 1949), ao doutrinador infatigável. O primeiro nunca chega a provocar minha sensibilidade literária um tanto grosseira com aquelas finuras formais ou com aqueles êxtases mitológicos que subitamente contaminaram parte apreciável da poesia nova entre nós.

Sem ser deslavadamente romântica, sua lira comporta, não obstante, acentos de um cunho intimista que vedam naturalmente uma postura rigidamente formal. Por vezes deixa escapar alguma ressonância condoreira e até casimiriana, sem recorrer ao menos àquele leve falsete irônico, que tão frequentemente distingue certos autores modernistas em casos semelhantes. A ironia não é aliás seu forte, como não é, na generalidade dos casos, o dos nossos poetas novos, e pode-se verdadeiramente dizer que aqui sua poesia se enlaça na sua pregação, tão opostas, uma e outra, ao que ele chamou certa vez as "flores do

humorismo". Em face de sua obra, não se faz necessário — ao contrário do que sucede com a nova poesia anglo-saxônica, por exemplo, que paradoxalmente adquiriu singular prestígio entre alguns dos seus companheiros de campanha — uma ampla revisão dos conceitos tradicionais do sério e do cômico, do poético e do prosaico. Sua locução quer ser uniformemente vazada em estilo nobre e austero.

Outro elemento, ao lado da ironia e das alusões "prosaicas", que também serve para empanar emoções demasiado diretas, tenues ou à flor da pele, isto é, o hermetismo generosamente suscitado e cultivado, também se acha ausente da obra poética do sr. Carvalho da Silva. Nisto ele se separa não apenas de alguns dos seus companheiros da famosa "geração de 45", mas ainda dos que aspiram a representar uma corrente ainda mais moderna e às vezes oposta a ela. Num destes, no sr. Ciro Pimentel, autor do livro *Poemas* (São Paulo, 1948), com que se inaugurou a coleção dos Cadernos do Clube de Poesia, pode-se verificar como a obscuridade metódica visa a dar complexidade maior àquela nostalgia dos céus remotos, às esperanças contrafeitas, ascensões no vazio e no inútil, que fazem a substância de sua inspiração e que, expostas muito cruamente, poderiam desandar numa grandiloquência talvez

(Conclui na 6.ª página)



Poética e...

(Conclusão)

de mau gosto. A mesma grandiloquência que, momentaneamente libertada, levará o poeta a exclamar em dada ocasião (pág. 13):

Há em mim um deus dançante
Que ansiando Infinito
Grita intenso no azul.

Se é certo, no entanto, que o sr. Carvalho da Silva evita, voluntariamente ou não, o recurso ao hermetismo fácil, isto não significa que só se utilize, e por sistema, da expressão denotativa e reta. Admiti-lo seria desdenhar o papel, sem dúvida importante, que assume em sua poesia a linguagem metafórica. Cabe apenas notar que, aqui, essa linguagem tem menos um caráter funcional do que ornamental e exterior. E isto ocorre inclusive — ou especial-

mente — quando se utilizam nela imagens na aparência atrevidas, como naquela evocação de um mundo de sonho do seu *Cântico Maior*,

onde nuvens arrastam
o ventre pelas montanhas,
que pode lembrar a passagem
tão frequentemente citada de T. S. Eliot, onde se fala no nevoeiro a arrastar as costas pelas vidraças:

The yellow fog that rubs its
back upon the window-panes...

CONTUDO é fácil perceber como, no poema de Eliot, a neblina, assimilada pelo poeta a um gato que surgisse à tardinha esfregando dorso e focinho nos vidros da janela, lambendo os recantos do escurecer, demorando-se nas pequenas poças formadas pela água que corre, recebendo nas costas a fuligem das chaminés, insinuando-se no terraço e finalmente saltando para ir dormir na noite tranquila de outubro, depois de fazer pela última vez a volta da casa, é uma realidade tornada mais presente, mais concreta, mais tangível, realidade que não se separa do ambiente que o autor procurou criar nesse canto do amor de J. Alfred Profrock. No *Cântico Maior*, ao contrário, a imagem tem valor subsidiário, extrínseco, e não destoa, apesar das aparências — com aquele símile das nuvens bojudas — de uma associação de idéias perfeitamente convencional.

Neste ponto, e não apenas nele, é lícito dizer que o autor de *Praia Oculta* não ousa distanciar-se demasiado de um prudente meio-termo. Sua idéia da linguagem poética, assim como a noção tão curiosamente estreita e arbitrária que forma do ritmo — noção exposta há pouco em caderno especial que a Revista Brasileira de Poesia imprimiu —, representam no fundo um suave compromisso.

Mas se não valem, a meu ver, por uma inovação e nem sequer — como o poderiam julgar alguns — por uma tentativa de recuperar a essência perene da poesia, essas idéias e noções merecem consideração mais atenta. Em primeiro lugar porque são aparentemente partilhadas, no todo ou em parte considerável, por numerosos autores recentes. E também por que, até agora, não impediram o poeta de *Praia Oculta* de tornar-se um dos melhores e mais autênticos representantes da nova poesia brasileira.

Para remessa de livros:

Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).



Il faut mourir". Assim inicia Maupassante sua última viagem ao Mediterrâneo. Depois: "Ma petite barque, toute blanche avec un filet bleu le long du bordage, allait doucement, doucement sur la mer calme, calme, endormie, épaisse et bleue aussi, bleue d'un bleu transparent, liquide, où la lumière coulait, la lumière bleue, jusqu'aux roches du fond. Les villas blanches, les belles villas blanches, toutes blanches regardaient par leurs fenêtres ouvertes la Méditerranée qui venait caresser les murs de leurs jardins, de leurs beaux jardins..." Na verdade, a Côte d'Azur é uma estrada poeirenta: um mar deserto, olhado pelo luxo falso das vilas de uma burguesia já extinta. Mas é diferente o sonho: a poesia de Maupassant.